

Emigração Portuguesa



Todos nós temos um familiar ou amigo que foi ou é emigrante. Motivos diversos, que não se prendem só com a procura de um nível de vida mais confortável, levam a que cidadãos portugueses se dirijam, literalmente, para os quatro cantos do mundo.

Os Portugueses foram, desde sempre, conhecidos pela coragem intrínseca e histórica na aventura. O povo Português é, sem dúvida, um povo aventureiro. Não falamos de uma aventura inconsciente, mas de uma aventura consciente, objectiva e calculada. Os Portugueses facilmente se lançam em novos desafios procurando, noutros lugares deste mundo cada vez mais global, aquilo que Portugal, infelizmente, não tem para lhes dar. O fenómeno da emigração portuguesa não é, contudo, recente.

A emigração portuguesa remonta ao século XV.

Os primeiros destinos dos portugueses, acompanharam as conquistas, as descobertas e a expansão marítima.

As primeiras vagas foram para as praças-fortes do norte de África (Marrocos): Ceuta (1415), Tanger, Arzila, Alcácer Ceguer, Safim, Azamor, Mazagão, Cabo de Guér.

Instalam-se nas ilhas atlânticas da Madeira (1420-1425), Açores (1427).

À medida que as descobertas avançam, e se criam praças-fortes ao longo da costa africana, para lá emigram milhares de portugueses.

Desde o litoral saariano (Arguim), rios da Guiné, Serra Leoa, costa do Golfo (São Jorge da Mina) no Congo, Angola, etc.

No final deste século cerca de 100 mil portugueses haviam já emigrado.

A emigração continua pelo século XVI

A descoberta do caminho marítimo para a Índia, abre novas oportunidades à emigração. É para a Índia que se dirige o grosso da emigração portuguesa neste século, formando importantes comunidades em cidades como Goa, Baçaim, Chaul, Damão, Cochim, Columbo e São Tomé de Melimpor. Avançam mais para oriente e estabelecem-se na costa de Coromandel (Bengala), em Malaca, Molucas, na China, Japão, em Timor e Solor (Indonésia).

Na Europa e nas Américas, a emigração portuguesa faz-se também sentir neste século. A presença de portugueses faz-se sentir em Bruges, Antuérpia (nas actividades comerciais), mas também em Sevilha, Londres e em diversas cidades de França e Itália.

No século XVII o Brasil torna-se o principal destino dos portugueses, assumindo este fenómeno, pela sua dimensão, extrema relevância.

Durante a dominação filipina (1580-1640), dezenas de milhares de portugueses emigram, também, para Espanha e suas possessões.

Os portugueses, neste século, estão já espalhados por todo o mundo: do Brasil ao Japão, da Terra Nova (Canadá) ao Perú, dos países baixos a Moçambique e à Abissínia, de Ormuz (Golfo Pérsico) e da Pérsia a Timor e às Filipinas, do Rio da Prata a Sevilha e Interior de Castela.

A expulsão dos judeus portugueses, contribui igualmente para esta diáspora.

Estabelecem-se grandes colónias de emigrantes portugueses nos Países Baixos (Holanda e Bélgica) e no

Sudoeste da França, Alemanha, Inglaterra, mas também para o Norte de África e a região da actual Turquia.

Calcula-se que entre 1500 e 1580 tenham saído de Portugal cerca de 280 mil pessoas. Durante a dominação filipina (1580-1640) cerca de 360 mil (segundo dados de Vitorino Magalhães Godinho). O número de emigrantes é tal que Portugal, a partir do século XVI, tem necessidade (pretexto) de importar mão-de-obra (escravos) para compensar esta constante saída dos seus naturais.

Contudo, é a ocupação territorial do Brasil que absorve, a partir da segunda metade do século XVI, grande parte deste fluxo de emigrantes. A expansão para o Oriente é abandonada em favor do Brasil. Ainda no século XVI os primeiros emigrantes dirigem-se para o Nordeste (Baía e Pernambuco) e logo depois para a região do Rio de Janeiro, penetrando, cada vez, mais para o interior.

No final do século, com a descoberta de jazigos auríferos e pedras preciosas, os portugueses estabelecem-se em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Embora a emigração tenha diminuído entre 1640 e 1700, mesmo assim, calcula-se que tenha sido de cerca de 120 mil portugueses (segundo dados de Vitorino Magalhães Godinho).

A emigração para o Brasil acentua-se no século XVIII devido á exploração mineira, especialmente entre 1697 e 1760. A Madeira e os Açores passam a exportar, também, emigrantes, nomeadamente para o Brasil (povoamento do litoral de Rio Grande do Sul e de Santa Catarina), mas também para África (Moçambique e Angola).

O número de emigrantes, entre 1700 e 1760, calcula-se que tenha atingido as 600 mil pessoas (Dados de Vitorino Magalhães Godinho). Números impressionantes se tivermos em conta que a população de Portugal, em 1732, rondaria os 2,4 milhões de indivíduos.

O estabelecimento da Corte portuguesa no Brasil e a posterior independência deste país (1822), não diminuem o caudal de emigrantes.

No último quartel deste século XIX ocorre uma verdadeira debandada do país, que se prolonga até 1930. Estes emigrantes dirigem-se para o Brasil, EUA, Argentina, Uruguai, Guiana Inglesa, Oceania, ilhas do Hawaii, etc.

A emigração para a Europa, dirige-se sobretudo para Espanha (agricultura, minas e pescas), mas também para a França a partir do fim do século.

O incremento da colonização de África faz igualmente disparar o número de emigrantes que se instalam nos planaltos de Angola, Moçambique, etc.

Na primeira metade do século XX, a emigração continua a dirigir-se para o outro lado do atlântico (Brasil, EUA, Argentina, Venezuela, Uruguai, etc), e depois da 2ª. Guerra Mundial também para o Canadá. A partir dos anos 50, os emigrantes portugueses rumam sobretudo para a Europa (França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha, Suíça, Luxemburgo, Suécia, etc.). Registam-se, também, importantes fluxos emigratórios para a Austrália.

A política colonial do anterior regime, sobretudo a partir dos anos 30 do século XX, provocou igualmente um importante fluxo de emigrantes para as ex-colónias (Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Estado da Índia (Goa, Dão e Diu), Macau, Timor). Apesar do número destes emigrantes ter aumentado continuamente até aos anos 70, foi sempre inferior ao daqueles que rumavam para o Brasil e a França. A emigração para a África do Sul, sobretudo entre 1964 e 1967, atinge valores muito elevados.

Os números sobre a emigração de portugueses, neste período, são impressionantes. Entre 1958 e 1974, as estatísticas oficiais registam que 1,5 milhões de indivíduos tenham deixado Portugal rumando a outros

países.

Nos anos oitenta e noventa a emigração continua, sobretudo para a Alemanha e a Suíça, também, França e Luxemburgo. O fenómeno mais importante foi todavia, primeiro, o repatriamento de emigrantes das ex-colónias (1974-1977), e, depois, o retorno de emigrantes dos países europeus (reformados) a partir dos anos oitenta.

4,6 Milhões de portugueses nos quatro cantos do mundo

Seguindo ritmos distintos, registando a par da emigração legal a emigração clandestina e mostrando preferências diversificadas consoante a antiguidade e a tradição emigratória, as características sociais e as oportunidades de saída oferecidas a esta população deram origem à formação de diversas comunidades de portugueses residentes no estrangeiro que têm contribuído para o crescimento económico desses países e para o reforço das sociedades multi-culturais onde residem.

Os valores globais referentes à população de origem nacional residente em países estrangeiros nos finais da década de noventa são esclarecedores da dimensão da "Diáspora Portuguesa".

São cerca de 4,6 milhões os cidadãos, de origem portuguesa, residentes nos cinco continentes, a saber: Europa (1 336 700), África (540 391), América Norte (1 015 300), América Sul (1 617 837), América Central (6 523), Ásia (29 271) e Oceânia (55 459).

Uma análise mais pormenorizada desta distribuição realça a distribuição desta população por 28 países na Europa; 39 países em África; 32 países na América; 22 países na Ásia e 2 países na Oceânia.

Desta distribuição, ressaltam alguns aspectos relacionados com a antiguidade deste fenómeno; outros, as suas características recentes. Assim, em relação à emigração "transoceânica", entre os destinos referidos, o Brasil continua a ser o país onde a presença portuguesa é mais relevante e onde os laços de consanguinidade com a sociedade portuguesa, oriunda quer do continente quer dos Açores e mesmo da Madeira, é mais manifesta.

Já os EUA surgem como o destino privilegiado dos Açores e de muitos emigrantes do continente atraídos em épocas distintas, tal como aconteceu com o Canadá, pelas oportunidades de emprego aí existentes. Mas não podemos deixar de referir, ainda, no continente americano, a Venezuela e a Argentina, as Antilhas Holandesas e as Bermudas, destinos muito procurados nos finais do século XIX. No seu conjunto tratam-se de destinos característicos da "emigração transoceânica" que se desenvolveu a par da intensificação da colonização do Brasil e da exploração das suas riquezas naturais e do alargamento de outros destinos relacionados com o desenvolvimento industrial e urbano do continente norte americano. Relacionada com a colonização de alguns territórios africanos contamos, fora ainda do contexto europeu, com os testemunhos de uma emigração oriunda sobretudo da Madeira em terras da África do Sul, ou já com outras comunidades de cidadãos nacionais em Angola e em Moçambique, no Zimbabwe e noutros países africanos.

A evolução dos regimes políticos africanos não permite, no entanto, o fortalecimento de comunidades numerosas noutros destinos pelo que, o total de cidadãos nacionais neste continente parece estar a reduzir-se.

Igualmente significativa, é a presença em certos países asiáticos. Neste caso as maiores percentagens em Hong-Kong e na Índia, parecem significar a manutenção de antigos laços com os antigos territórios sob administração portuguesa, da Índia e de Macau. De realçar ainda a presença portuguesa nas antípodas da Europa, na Austrália, onde esse valor ultrapassava as cinco dezenas de milhar.

Como exemplo mais relevante da "emigração intra-europeia" destaca-se a emigração para França, onde

o número de cidadãos portugueses aí residentes, inferior na actualidade a um milhão, representa o destino mais procurado na história contemporânea da emigração portuguesa. Por outro lado também a Alemanha tem hoje um significado mais reduzido nesta emigração, tal como o Reino Unido e o Luxemburgo ou outros países da União Europeia. Contudo o exemplo mais sugestivo deste fenómeno e das suas manifestações recentes é a emigração para a Suíça país onde o número de cidadãos de origem portuguesa ultrapassa uma centena e meia de milhar. Ainda relevante é a presença de portugueses na vizinha Espanha, fenómeno que embora conhecendo diversas oscilações ao longo da nossa história, tem as suas raízes mais remotas, como se deixou dito, na época em que as duas coroas, a portuguesa e a castelhana, estiveram reunidas.

Tendo em conta a dimensão da população portuguesa residente no território nacional, cerca de dez milhões de habitantes, os valores acima referidos de quase cinco milhões, atestam a dimensão nacional deste fenómeno.

Regresso a Portugal?

Para uma grande maioria dos emigrantes este cenário não se coloca, pelo menos a curto prazo.

A falta de emprego e os salários reduzidos no nosso país, são os principais factores que retraem uma qualquer motivação de regressar. Mas, também o facto de muitos emigrantes estarem de tal forma inseridos nos países que os acolheram obsta a um regresso permanente.

Contudo, ainda que um regresso definitivo não esteja nos horizontes próximos da maioria dos emigrantes, estes não prescindem de passar as suas férias, com a restante família, nos locais donde são originários.

Fazem-no, maioritariamente, no Verão, precisamente na quinzena seguinte à presente edição do PQ. E, é algo que, dificilmente, passa despercebido.

Mesmo sem o desafogo, capacidade e vontade de investir de outros tempos - mais áureos - o regresso dos emigrantes (ainda que de férias) é, ainda, um importante factor de desenvolvimento dos meios menos industrializados.

O comércio tradicional anseia por este momento, tanto mais que, em tempos de crise, necessitam de aumentar ao volume de negócio para equilíbrio de contas. Os emigrantes correspondem, adquirindo os seus produtos na terra, aos comerciantes locais que conhecem e de quem são amigos.

Mas, além do factor económico, existe ainda o factor social. Reportamo-nos ao reencontro de familiares e amigos, ao convívio, à troca de experiências, enfim ao "matar saudades" entre pessoas que a distância separou, mas só fisicamente.

http://www.pq-jornal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=492:emigracao-portuguesa&catid=4:reportagem&Itemid=13

13/03/2012